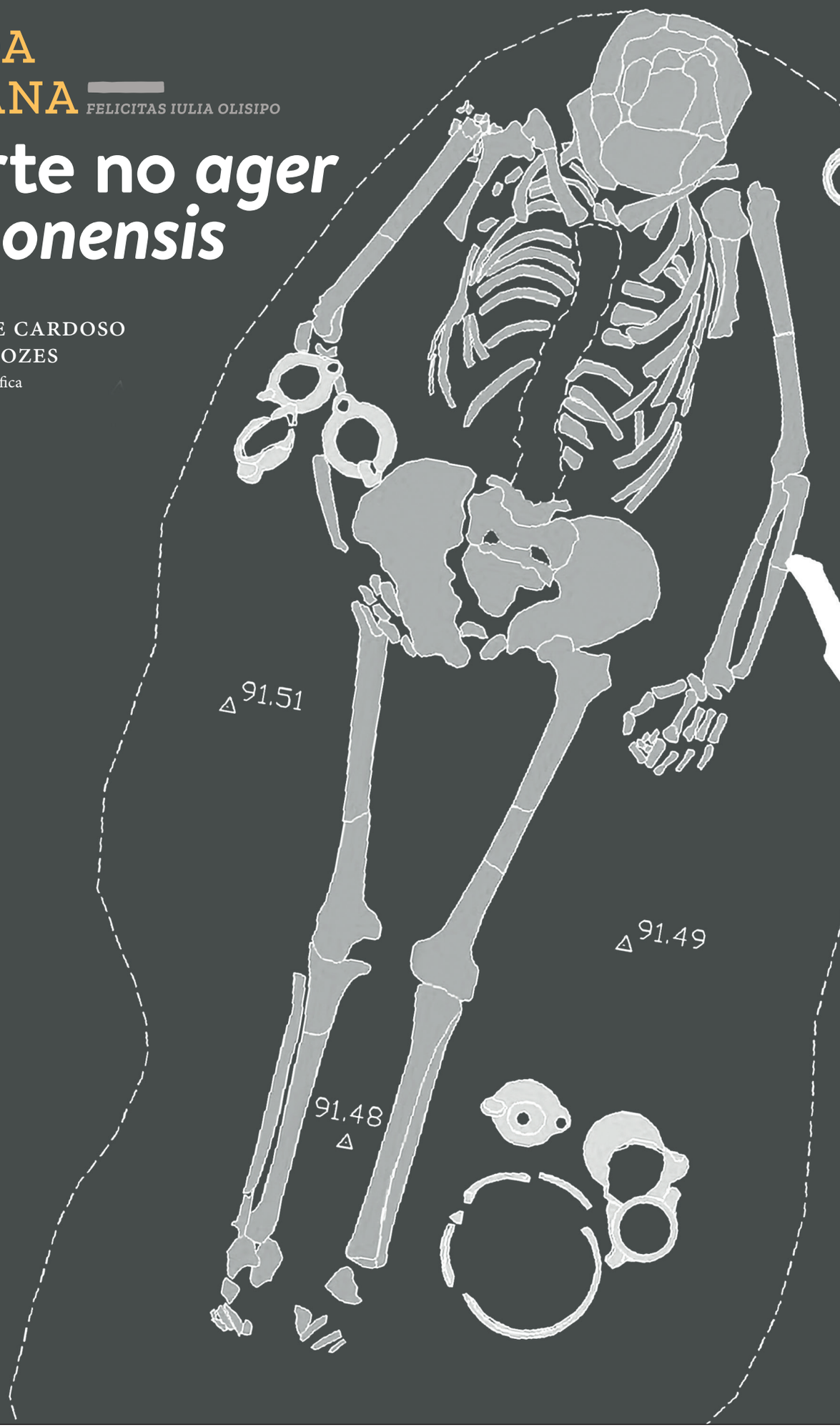
LISBOA
ROMANA *FELICITAS IULIA OLISIPO*

A morte no *ager olisiponensis*

GUILHERME CARDOSO
CRISTINA NOZES
Coordenação Científica



caleidoscópio
LISBOA
CÂMARA MUNICIPAL

Projeto Lisboa Romana *Felicitas Iulia Olisipo*

PELOURO DA CULTURA
João Diogo Santos Moura

DIREÇÃO MUNICIPAL DE CULTURA
Carlos Moura-Carvalho

DEPARTAMENTO DE PATRIMÓNIO DA CULTURA
Jorge Ramos de Carvalho

CENTRO DE ARQUEOLOGIA DE LISBOA
António Marques

COORDENAÇÃO GERAL
Jorge Ramos de Carvalho

GESTÃO DE PROJETO
Inês Morais Viegas (coord.) – DPC / DMC / CML
António Marques – CAL / DPC / DMC / CML
Cristina Nozes – CAL / DPC / DMC / CML
Manuel Oleiro – EGEAC

PARCEIROS DO PROJETO
ArqueoHoje – Arqueologia, Conservação e Gestão de Património Ld.ª; Câmara Municipal de Alcochete; Câmara Municipal de Alenquer; Camara Municipal de Almada; Câmara Municipal da Amadora; Câmara Municipal de Arruda dos Vinhos; Câmara Municipal de Cascais; Câmara Municipal de Loures; Câmara Municipal de Mafra; Câmara Municipal de Moita; Câmara Municipal de Oeiras; Câmara Municipal de Palmela; Câmara Municipal de Seixal; Câmara Municipal de Sesimbra; Câmara Municipal de Sintra; Câmara Municipal de Torres Vedras; Câmara Municipal de Vila Franca de Xira; Centro de Arqueologia de Almada; Direção Geral do Património Cultural (DGPC); DGPC/ Direção Regional de Cultura do Norte; DGPC/ Museu Nacional de Arqueologia (MNA); EGEAC – Cultura em Lisboa (Empresa de Gestão de Equipamentos e Animação Cultural (E.M.); Empark Portugal – Empreendimentos e Exploração de Parqueamentos, S.A.; Empatia - Arqueologia Ld.ª; Eon – Indústrias Criativas Ld.ª; Eurostar Museum Hotel (Lisboa); Era - Arqueologia, Conservação e Gestão de Património S.A.; Geopark / Naturtejo da Meseta Meridional; Geopark / UNESCO / Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura; Hotel Governador (Belém, Lisboa) / Nau | Hotels & Resorts; Museu Arqueológico do Carmo / Associação dos Arqueólogos Portugueses; Museu do Dinheiro / Banco de Portugal; Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS); Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros (NARC) / Fundação Milllennium BCP; Neoépica - Arqueologia e Património Ld.ª; The 7 Hotel (Lisboa); Veiga de Mago – Sociedade de Serviços Financeiros e Investimentos Ld.ª; Egas Moniz - Cooperativa de Ensino Superior / Instituto Universitário Egas Moniz / Centro de Investigação Interdisciplinar Egas Moniz (CIIEM); Universidade de Aveiro - Unidade de Investigação em Governança, Competitividade e Políticas Públicas; Universidade de Coimbra / Faculdade de Letras / Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património (CEAACP); Universidade de Évora / Laboratório Hércules; Universidade de Lisboa / Faculdade de Arquitetura / Forma Urbis LAB; Universidade de Lisboa / Faculdade de Ciências / Departamento de Geologia; Universidade de Lisboa / Faculdade de Letras / Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIARQ); Universidade de Lisboa / Faculdade de Letras / Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa (CEC); Universidade de Lisboa / Faculdade de Letras / Instituto de História de Arte (ARTIS); Universidade de Lisboa / Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP); Universidade Nova de Lisboa / Faculdade de Ciências Sociais e Humanas / Instituto de Estudos Medievais (IEM); Universidade Nova de Lisboa / Faculdade de Ciências Sociais e Humanas / Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA); Universidade Nova de Lisboa / Faculdade de Ciências Sociais e Humanas / Departamento de História de Arte.

Livro

TÍTULO
Lisboa Romana *Felicitas Iulia Olisipo*: A morte no *ager olisiponensis*.

COORDENAÇÃO DO VOLUME
Guilherme Cardoso – CAL / CDP / DMC / CML
Cristina Nozes – CAL / DPC / DMC / CML

INVESTIGAÇÃO E AUTORIA
Alexandre Gonçalves
César Oliveira
Cézer Santos
Cristina Nozes
Daniel Fernandes
Fernando Robles Henriques
Filipe Franco
Florbela Estêvão
Gisela Encarnação
Guilherme Cardoso
Isabel Luna
João Luís Cardoso
Jorge Raposo
José Luís Monteiro
Liliana Matias de Carvalho
Luísa Batalha
Nathalie Antunes-Ferreira
Noé Conejo Delgado
Nuno Neto
Paulo Rebelo
Raquel Granja
Ron Pinhasi
Vanessa Dias
Vera Cardoso
Yuliet Quintino Arias

REVISÃO DE TEXTOS
Cristina Nozes
Vasco Leitão

COORDENAÇÃO DA EDIÇÃO
Inês Morais Viegas (coord.) – DPC / DMC / CML
Cristina Nozes – CAL / DPC / DMC / CML
Vasco Leitão – CAL / DPC / DMC / CML

© Câmara Municipal de Lisboa, autores dos textos de cada volume e editora Caleidoscópio.

DESIGN GRÁFICO
José Ribeiro

IMAGEM DA CAPA
Pormenor da planta da necrópole de Miroiço, Manique. Levantamento topográfico de José António de Oliveira.

ISBN
978-989-658-663-8

DATA DE EDIÇÃO
Março 2022

DEPÓSITO LEGAL
463308/19

TIRAGEM
1500 exemplares

EDIÇÃO
CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

CALEIDOSCÓPIO – EDIÇÃO E ARTES GRÁFICAS, S.A.
Telef.: (+351) 21 981 79 60
Fax: (+351) 21 981 79 55
caleidoscopio@caleidoscopio.pt
www.caleidoscopio.pt

ENDEREÇO DE EMAIL DO PROJETO
lisboaromana@cm-lisboa.pt

FACEBOOK
https://www.facebook.com/lisboaromanaLX/

INSTAGRAM
https://instagram.com/lisboaromana

TWITTER
twitter.com/LisboaRomana

MIROIÇO
SEP. 15
28-9-99

As necrópoles da Antiguidade Tardia na região de Cascais e Oeiras

GUILHERME CARDOSO
JOÃO LUÍS CARDOSO

A partir do Baixo-Império, cessa a prática habitual da cremação nos rituais funerários romanos, passando estes a efetuarem-se comummente através de inumações em covacho, ou em sepulturas estruturadas por pedras, fenómeno observado e analisado, na área do *ager* da zona a poente de *Olisipo*.

O processo de transição, moroso, ganhou relevância com o passar dos anos, tomando grande importância a partir do século III, com o aumento da adesão e prática do culto cristão. No ano de 313, o imperador Constantino I, através da promulgação do Édito de Milão, garantia tolerância e liberdade para cultuar qualquer deus, o que seria fundamental para o aumento do Cristianismo por todo o Império.

Em 380, Teodósio I decretou, pelo Édito de Tessalónica, a instituição do Cristianismo como religião oficial do Império Romano, o que determinou praticamente o fim do ritual da cremação a partir do século IV, dado que, para os cristãos, o corpo teria de ser sepultado para ressuscitar no dia do Juízo Final.

Assim, a partir dos finais do século IV, observa-se o aumento das sepulturas de inumação, individuais ou em cemitérios, por toda a região do *ager olisiponensis*, consolidando-se este ritual durante o período da Antiguidade Tardia.

História da Arqueologia Funerária da Antiguidade Tardia na região de Cascais e Oeiras

O primeiro registo arqueológico de uma sepultura de inumação da Antiguidade Tardia na região foi o de um sepultamento em caixa, delimitada por esteios de calcário e coberta por lajes, encontrada no Alto da Casa Branca, Tapada da Ajuda, Lisboa. A informação chegou até nós através de uma publicação de Possidónio da Silva, que a descreve como "Túmulo da Idade da Pedra", devido ao facto de, no seu interior, junto aos ossos articulados de um indivíduo, ter sido encontrada uma ponta de flecha (Silva, 1879, p. 177). Em 1982, Clementino Amaro escavou nas proximidades mais duas sepulturas, confirmando que se tratava de uma necrópole, posterior ao século IV, facto que justifica a localização do primeiro achado, não correspondendo o mesmo a uma sepultura isolada (Cardoso, Amaro e Batalha, 2018).

No terceiro quartel do século XIX, o antropólogo Francisco de Paula e Oliveira, realizou o levantamento de vestígios Romanos no concelho de Cascais, escavando as necrópoles da Antiguidade Tardia de Meroeiras (Abuxarda) e Alto da Peça (Alcoitão), bem como sepulturas em Manique, Murches e Vilares (Oliveira, 1888/92, p. 86-91); o seu trabalho criterioso

FIG. 1
Sepultura 15 de Miroiços de Manique (Fotografia de Guilherme Cardoso).

ainda hoje é utilizado para o estudo das sepulturas deste período.

Em finais do ano de 1901, foi descoberto na Quinta da Costa, no lado norte de Oeiras, uma necrópole com grande número de sepulturas, tipo caixa, delimitadas e cobertas por lajes calcárias. J. Leite de Vasconcelos visitou o sítio arqueológico e escavou quatro sepulturas, entre 24 de Novembro e 1 de Dezembro, que tinham sido conservadas intactas pelo proprietário (Cardoso e Carreira, 1996, p. 407).

Em 1945, foram realizadas sondagens arqueológicas no sítio dos Casais Velhos, Areia, Cascais, por Fausto Amaral Figueiredo e Afonso do Paço, que confirmaram a existência de várias estruturas de época Romana, bem como sepulturas da Antiguidade Tardia localizadas no lado sul da *villa* (Figueiredo e Paço, 1949).

Em Junho de 1964, quando se procedia à abertura dos alicerces para construção de uma vivenda no Bairro do Sol Avesso, Porto Salvo (Oeiras), foram colocadas à vista diversas sepulturas do tipo caixa, com tampa e delimitadas por esteios de calcário, escavadas segundo direção de D. Fernando de Almeida (Matos, 1969, p. 191).

No decorrer de uma prospeção arqueológica em Talaíde, Cascais, foi detetada, em Maio de 1975, uma necrópole da Antiguidade Tardia, numa urbanização em processo de construção, a norte da povoação. Nos meses seguintes, foram efetuadas escavações num dos lotes, o que permitiu a identificação e exploração de 29 sepulturas (Cardoso e Cardoso, 1995).

Durante os trabalhos arqueológicos efetuados, na *villa* romana do Alto do Cidreira, durante o mês de setembro de 1981, foi escavada uma sepultura infantil de época tardia junto às ruínas do lado sul da *villa* (Encarnação, 1981).

Entre os anos de 1991 e 1999, foi possível escavar diversas sepulturas de bebés e crianças, no meio de estratos de abandono, na área da *pars fructuaria* da *villa* romana de Freiria, Cascais (Antunes-Ferreira, Cardoso e Encarnação, 2019, p. 41-48).

Ainda na década de 90, escavações arqueológicas efetuadas na *villa* romana do Casal do Clérigo, Cascais, realizadas em 1996/1997, possibilitaram identificar uma sepultura, delimitada por esteios de calcário, da Antiguidade Tardia, e parte de outra, destruída durante o período Islâmico (Cardoso, 2002, p. 169; ver apartado neste volume).

De igual modo, sondagens arqueológicas efetuadas a norte da *villa* romana de Miroiços de Manique, em 1999, detetaram uma necrópole, em que, a maioria das sepulturas era do tipo caixa, com cobertura e esteios de calcário (Cardoso *et al*., 1999, p. 8).

No antigo sítio arqueológico de Vilares, Cascais, foram efetuadas escavações arqueológicas em 2000 e identificadas três sepulturas do Baixo-Império, sendo duas de tipo caixa, com tampa e esteios de calcário e uma de criança, junto a estruturas romanas do Alto-império (Cardoso *et al*., 2000, p. 9).

Devido à construção de uma nova estrada na envolvente da necrópole de Alto da Peça (Alcoitão), foram realizados trabalhos de escavação, em 2001, que detetaram mais três sepulturas a poente das que tinham sido escavadas por Paula e Oliveira no século XIX. Uma das sepulturas era do tipo caixa, com tampa e esteios de calcário, sendo as outras duas simples covachos individuais (Cardoso, Encarnação e Trindade, 2001, p. 192).

A escavação ocorrida em 2002/2003, num terreno no centro de Caparide, Cascais, na qual se sabia existirem vestígios de mosaicos romanos, conduziu à identificação de grande parte de uma *villa* romana, em que foram identificados mais de uma dezena de enterramentos de bebés, em covachos, e de um adulto, no interior de uma ânfora, durante o período da Antiguidade Tardia (Cabral *et al*., 2002, p. 6; Nieuwendam *et al*., 2003, p. 6).

FIG. 2
Sepultura 1, de 2001, de Alcoitão (Fotografia de Guilherme Cardoso).

Umas das características que os sepultamentos desta época apresenta, é o facto de poderem aparecer em aglomerados, formando necrópoles, mas também isoladamente, ou em pequenos conjuntos de duas ou três sepulturas.

No caso das necrópoles conhecidas, localizam-se nas proximidades dos povoados ou afastadas destes algumas centenas de metros, como são o caso da Quinta da Costa, Sol Avesso, Talaíde, Alto da Peça (Alcoitão) e Meroeiras, mais ou menos nas proximidades de uma via.

Pensamos que o afastamento das necrópoles dos povoados se deva à tradição Romana, que infundia a crença de que os locais que serviam de enterramento eram nefastos. Sabemos que assim era, através da tradição oral que recolhemos na zona das necrópoles de Freiria, Miroiços de Manique e Alcoitão. Neste último caso, o sítio, embora estivesse na área rural da povoação, nunca havia sido lavrado até meados da década de 80 do século XX, quando o terreno onde se localizava foi vendido a um proprietário, que sendo de Cascais, não tinha raízes familiares em Alcoitão, desconhecendo assim, a existência de qualquer cemitério naquele local.

No caso dos enterramentos isolados, observa-se proximidade aos sítios habitados no período da Antiguidade Tardia, sem aparente preocupação pela sua localização, possivelmente devido a estes já se encontrarem abandonados à época dos sepultamentos, como são os casos de Casal do Clérigo, Alcoitão (Oliveira, 1888/92, p. 87), Murches (*ibid*., p. 90), Vilares (*ibid*., p. 91) e Casais Velhos (Figueiredo e Paço, 1949, p. 5).

Na localização das necrópoles e sua relação com os povoados, observamos diversas

FIG. 3
Cerâmicas recolhidas nas necrópoles da Antiguidade Tardia de Cascais (Fotografia de Guilherme Cardoso).

disposições, desde as que se encontram junto a uma via, caso de Miroiços de Manique, às de encosta, separadas por uma linha de água, caso de Talaíde, ou ainda no topo de uma elevação, como na Quinta da Costa, ou mesmo afastadas do povoado, como se observou no Alto da Peça e Meroeiras.

Disposição das sepulturas na necrópole

No caso das necrópoles de Cascais e Oeiras (entre o século V e os inícios do século VIII), verificou-se que tendem apresentar sepulturas alinhadas, em filas orientadas de norte para sul, sentido dos túmulos este-oeste, com cabeça a poente e pés para nascente, existindo, contudo, algumas orientadas norte-sul, tal como Francisco de Paula e Oliveira referiu, ao registar a existência de dois túmulos na necrópole das Meroeiras (Oliveira, 1888/92, p. 87). O mesmo se verificou nos três sepultamentos em Miroiços, sepulturas n.os 3, 12 e 30. Na necrópole de Talaíde existia unicamente uma, a n.º 27, que se encontrava orientada de NE para SO.

Pelos dados que apresentámos, deduz-se que, nas necrópoles da Antiguidade Tardia da região, os túmulos com outras orientações, que não seja este-oeste, são mais raros que os de época anterior (séculos III/IV), como o que apareceu na necrópole do Alto do Cidreira, datado entre o século III e V, em que o corpo foi colocado com a cabeça a norte e os pés a sul (ver apartado neste volume).

Tipo de sepulturas

Analisando o tipo de sepulturas localizadas na região, foram registadas as constituídas por um simples covacho, cobertas com lajes, podendo o corpo ter sido levado à terra em sudário, ou enterrado dentro de ataúde. No primeiro caso, as sepulturas tinham, no seu interior, apenas vestígios de um indivíduo.

No entanto, os túmulos mais comuns são os de caixa em alvenaria seca, com esteios em cutelo e tampa de lajes rústicas, salvo raras exceções, nos quais se observam esteios feitos com pedras aparelhadas, reaproveitadas de antigas construções, como foi o caso da sepultura n.º 7 de Talaíde, a n.º 3 de Miroiços (Cardoso, 2018b, p. 194) e Casais Velhos, em dois dos túmulos localizados no lado nascente.

Paula e Oliveira descreveu como regra, que cada sepultura de tipo caixa, da necrópole de Alto da Peça (Alcoitão), apresentava duas lajes verticais de cada lado, mais uma em cada extremidade, sendo que os dez túmulos que se encontravam fechados ostentavam duas ou três lajes, colocadas deitadas, formando a tampa. As lajes não eram talhadas, mas, por vezes, os interstícios entre elas encontravam-se tapados com uma argamassa feita de cal e tijolo pilado ou *opus signinum* (Oliveira, 1888/92, p. 87). Em Vilares, Murches, o mesmo autor encontrou uma sepultura de caixa, com as paredes laterais em esquadria perfeita e espessura constante, sendo o fundo forrado por grandes tijoleiras; contudo, o seu interior havia sido remexido, faltando-lhe a tampa (Oliveira, 1888/92, p. 91).

Também em Sol Avesso, Quinta do Costa, Talaíde, Casal do Clérigo, Miroiços, Alto da Peça, Vilares e Casais Velhos, foram encontradas sepulturas de tipo caixa, com esteios em cutelo, algumas delas com tampa de lajes rústicas e os interstícios selados com *opus signinum*.

Mais raras e certamente mais antigas são as sepulturas de alvenaria consolidada com argamassa, como no caso das sepulturas n.os 22 e 29 de Miroiços, tendo a n.º 21 o fundo forrado de lajes e a n.º 29 forrada de tijoleiras (Cardoso, 2018b, p. 182, 183 e 185). Já Paula e Oliveira encontrara sepulturas construídas com alvenaria argamassada, de pedra ou tijolo, na necrópole das Meroeiras, que em relação às demais, se mostraram mais ricas em objetos de adorno (Oliveira, 1888/92, p. 88).

Foram igualmente registadas sepulturas que se encontravam unidas, com os pés de uma em continuidade com a cabeceira da sepultura seguinte, com três metros de comprimento, das quais temos exemplo em Alcoitão (Oliveira, 1888/92, p. 87), o mesmo acontecendo em duas sepulturas alinhadas, em Casais Velhos, e em Talaíde, sepulturas n.os 14 e 16, geminadas entre si, com total ausência de esteios a separá-las (Cardoso e Cardoso, 1995, p. 410, Fig. 3).

O uso de sarcófagos talhados em blocos de arenito também foi atestado em Talaíde (Cardoso e Cardoso, 1995, p. 408). No lado sul da povoação do Arneiro, na freguesia de Carcavelos, encontrámos um outro, mais pequeno, utilizado como bebedouro para animais, descoberto quando se lavrava um terreno nas proximidades, a poente do Mosteiro de Santa Maria do Mar, local hoje urbanizado (Cardoso, 1991, p. 86, n.º 168).

O aparecimento de uma fivela de bronze nas grutas do Poço Velho, em Cascais, durante as escavações ali realizadas por Carlos Ribeiro, em 1879 e publicada mais tarde

FIG. 4
Metais recolhidos em contextos funerários das necrópoles da Antiguidade Tardia de Cascais. Anéis: 1, Alcoitão; 2, Meroeiras. Braceletes: 3, sepultura 4, Talaíde; 4, sepultura 12, Talaíde; 5, Meroeiras. Apliques: 6, Sepultura 8, Talaíde; 7, Talaíde; 8, Casais Velhos (Fotografia de Guilherme Cardoso).

por Fausto Figueiredo e Afonso do Paço, levantaram a dúvida se não se trataria de uma peça pertencente ao vestuário de um indivíduo de origem visigoda, sepultado naquelas cavernas, mas descartaram a hipótese. Segundo os autores: *"pois não é de admitir que um germânico ali fosse inumado, por ser contrário aos usos e ritos funerários"* (Figueiredo, Paço, 1947, p. 14). Hoje temos como quase certo que ali foi depositado, durante o século VII, um visigodo, usando à cintura um cinto de cabedal, com uma fivela de cinturão liriforme, a exemplo do verificado noutras grutas, em diversos pontos da Península Ibérica, nas quais foram encontrados esqueletos com elementos de vestuário do mesmo período (Hierro Gárate, 2011; Vigil-Escalera Guirado, 2020, p. 54). No entanto, em relação ao argumento dos dois autores, também Andreia Arezes é de opinião que não se pode ter a certeza que *"a placa de cinturão ali exumada se relacionaria, efetivamente, com um contexto funerário."* (2016, p. 186). Diga-se em abono da verdade, que no caso da escavação das Grutas do Poço Velho, realizadas sob a direção de Carlos Ribeiro em 1879, se sabe pouco e não se tem a certeza de nada, a não ser que os restos osteológicos e as peças

são dali provenientes. À luz dos conhecimentos atuais, não existe a certeza de alguns dos ossos dos esqueletos dali retirados não poderem pertencer a uma ou mais inumações de época visigoda; só os resultados de futuras análises de radiocarbono, que viessem a efetuar-se, poderiam comprovar as épocas ali representadas.

Outra prática muito comum prende-se com o sepultamento de crianças em zonas de habitação de época tardia, como são os casos das sepulturas de recém-nascidos na *villa* de Freiria, área do lagar, após o seu abandono, estando na maior parte das vezes cobertas por um *imbrex*. Uma outra sepultura de tipo caixa continha o esqueleto de um jovem, numa zona abandonada nas termas sul (Antunes-Ferreira, Cardoso e Encarnação, 2019). Também nas *villae* do Alto do Cidreira, Vilares e Caparide, se identificaram em zonas de estruturas abandonadas sepulturas de recém-nascidos sob *imbrices*.

Orientação das sepulturas

Desconhecemos ao certo a razão de se encontrarem tão diversas orientações nas sepulturas de inumação durante o Baixo-Império, como no caso da necrópole da *villa* romana do Casal do Rebolo (Almargem do Bispo, Sintra), onde, das catorze sepulturas, uma era de cremação, nove encontravam-se viradas a poente, três viradas a sul e uma única a poente, tendo sido datadas entre os finais do século II e os finais do século IV (Gonçalves, 2011, p. 133), tal como as duas sepulturas de tipo caixa, escavadas na *villa* romana de Vilares, também orientadas a poente com cabeça a nascente. Como já referido, a partir da Antiguidade Tardia, no período compreendido entre o século V e o século VIII, verifica-se que a maioria dos enterramentos está orientada este-oeste, com a cabeça a poente, nitidamente numa ligação às crenças cristãs. As pequenas diferenças ali observadas na orientação dos sepulcros devem-se à variação do azimute do nascer do sol, ao longo do ano. Segundo a Bíblia, no dia do Juízo Final, Deus aparecerá ao nascer do dia e os fiéis estarão voltados para Ele. Desconhecendo qual o dia do ano, em que ocorrerá o Juízo Final, a solução, para os cristãos da Antiguidade Tardia, foi a de que o corpo, ao ser sepultado, estivesse orientado para o azimute do sol nascente verificado naquele dia.

É à luz deste preceito que podemos interpretar a situação observada na sepultura n.º 6 de Talaíde, formada por dois enterramentos efetuados com anos de diferença. A mais antiga, localizada no lado poente, encontrava-se orientada a 94º de azimute sul, enquanto a mais moderna, além de ter cortado a metade inferior da anterior, foi refeita e orientada a 84º de azimute sul. No entanto, verifica-se que outras sepulturas de tipo caixa com enterramentos sucessivos não aparentam ter sido reorientadas.

O conteúdo dos túmulos

As sepulturas de tipo covacho são todas individuais, enquanto no caso das sepulturas de tipo caixa, tendem a servir de jazigos familiares, podendo, no entanto, conter somente os restos de um indivíduo.

Os túmulos de tipo caixa não levavam terra no seu interior, como observou muito bem Paula e Oliveira:

"… Parece que a prática de lançar terra sobre os cadáveres não era seguida habitualmente por aqueles que se depositavam nos túmulos fechados. Com efeito, nalguns destes, as ossadas mostravam-se apenas cobertas duma camada de terra pouco espessa; sendo esta terra nalguns duma grande tenuidade e disposta em camadas muito finas. Estes indícios mostravam que ela não se encontrava ali originalmente, mas que foi introduzida pouco a pouco pela água da chuva infiltrada

através das fendas das tampas. Tinha notado indícios semelhantes, se bem que não revelados duma forma evidente, nalguns túmulos fechados de Alcoitão" (Oliveira, 1888/92, p. 88 e 89).

A mesma situação foi por nós observada na sepultura n.º 7 de Talaíde, onde a pouca terra que se encontrava dentro, penetrou pelos interstícios das lajes de cobertura (Cardoso e Cardoso, 1995, p. 409). Na necrópole de Miroiços, as sepulturas n.os 21 e 29, embora seladas, também continham terra no seu interior, a primeira por ter a tampa poente partida e a segunda devido à pressão exercida lateralmente pela terra nos esteios. Quanto às restantes sepulturas, encontravam-se entulhadas com terra, devido à maioria das tampas terem desaparecido, ou à deficiente colmatação dos interstícios das fendas dos esteios e das tampas, na altura da construção (Cardoso e Cardoso, 1995, p. 409).

A ausência de terra no interior das sepulturas possibilitava a sua fácil reabertura e a deposição de um novo cadáver no seu interior, após retirarem, ou não, as ossadas dos enterramentos anteriores. Os ossos das inumações sucessivas que se encontravam na sepultura tinham arrumação diversa, como pudemos observar na necrópole de Talaíde. No interior dos túmulos, foram constituídos vários ossários, em que os ossos das inumações anteriores foram desviados para um canto, ou acumulados no exterior, sobre a cabeceira, ou junto aos pés, depois de retirados para o exterior, podendo também serem enterrados à volta dos esteios, ou depositados sobre as lajes de cobertura, sem qualquer disposição especial. Na sepultura n.º 7 de Talaíde, observou-se a delimitação de um amontoado de ossos por um círculo de pedras, depositados aleatoriamente sobre a tampa dos pés da sepultura (Cardoso e Cardoso, 1995, p. 409). Nesta necrópole, havia também túmulos em que, sobre as pernas do último inumado, eram colocados os crânios dos enterramentos anteriores, chegando a haver espaços de deposições com cinco crânios, como é o caso das sepulturas n.os 8 e 14 (Cardoso e Cardoso, 1995, p. 408).

No caso da necrópole de Miroiços, as sepulturas n.os 18, 26 e 31 apresentavam três crânios na zona dos pés (Cardoso, 2018b, p. 180-181, 184 e 185).

Alguns dos túmulos de tipo caixa apresentavam mais que uma deposição primária no seu interior, lado a lado, mas existindo também sobrepostas, como no caso da necrópole de Alcoitão, onde foram encontrados com dois ou três esqueletos, ocupando todo o comprimento da sepultura (Oliveira, 1888/1892, p. 87). Em Talaíde, observámos a mesma realidade nas sepulturas n.os 2, 6, 17, 23 e 24, com dois esqueletos, cada um lado a lado, ou sobrepostos, enquanto no caso da necrópole de Miroiços, apareceram dois esqueletos sobrepostos na sepultura n.º 18 e três na n.º 26 (Cardoso, 2018b, p. 181 e 184).

Espólio

A acompanhar os defuntos reconheceram-se diversos tipos de artefactos que dividimos em dois grupos fundamentais:

1 – Objetos votivos, depositados na sepultura como oferendas para uso do defunto no além.

2 – Objetos de adorno e de vestuário.

Objetos votivos/oferendas

No período em análise, por via da mudança de paradigma que acompanha a ideia de despojamento dos bens terrenos, posta em prática pelo cristianismo, observa-se uma diminuição de objetos votivos que acompanham o defunto. Contudo, nalguns enterramentos prevaleceu a tradição, como testemunham as moedas, os jarros, bilhas para água ou vinho, ou taças para conter alimentos, e lucernas.

Paula e Oliveira refere o aparecimento de duas bilhas na necrópole de Alcoitão, em sepulturas distintas, várias cerâmicas nas Meroeiras e um jarro em Murches. As duas bilhas encontradas na necrópole de Alcoitão eram romanas, com o bordo e asa partidas. Uma estava à cabeceira de uma sepultura, enquanto a segunda foi colocada aos pés de outra (Oliveira, 1888/92, p. 88), ambas datadas do século VI (Cardoso, 2018b, p. 195). Na necrópole das Meroeiras, aquele autor referiu cerâmicas, consideradas de pouca importância, pelo que não deixou desenho gráfico das mesmas (Oliveira, 1888/92, p. 89). Numa das sepulturas que escavou, no centro de Murches, encontrou um jarro produzido manualmente, junto à cabeça dum esqueleto da Antiguidade Tardia, datável do século VII (*ibid*., p. 90).

Na necrópole oriental de Casais Velhos, Fausto Figueiredo e Afonso do Paço recolheram quatro peças de cerâmica. No interior de uma sepultura, colocada junto aos pés, estava uma bilha de fabrico manual, certamente do século VII, bem como uma lucerna junto à cabeça do inumado; noutra tumba, recolheu uma tijela e um jarro, igualmente modelados à mão, também datáveis do século VII (Figueiredo e Paço, 1949, p. 4).

Na necrópole de Sol Avesso, em Porto Salvo (Cardoso e André, 2020) foram exumadas duas peças do interior das sepulturas observadas (Matos, 1969). Do túmulo A, provém uma lucerna que classificámos do tipo Deneauve VIIIB, Dressel/ Lamboglia 30A, asa Ponsich 7/8. A orla encontra-se decorada com cachos de uvas e no disco é possível observar altos-relevos, possivelmente um padrão com motivo erótico, datada da segunda metade do século IV d.C. (Cardoso, 1991, p. 147).

A outra peça proveniente da necrópole de Sol Avesso desconhece-se em que sepultura foi recolhida. Trata-se de uma tigela de *terra sigillata* africana C, Hayes 52 b, decorada no bordo com um leão e duas palmetas, delimitadas por uma canelura (Cardoso e André, 1997/98). José Carlos Quaresma data esta forma dos inícios do século IV a meados do V, em concordância genérica com as conclusões anteriormente apresentadas (Quaresma, 1999, p. 148).

Na necrópole de Miroiços de Manique, identificou-se unicamente uma tigela junto aos pés do esqueleto da sepultura n.º 26, datada do século V (Cardoso, 2018b, p. 184 e 188), enquanto no caso da necrópole de Talaíde não se recolheu nenhum recipiente.

Observa-se, assim, que a tradição de época Romana em colocar alimentos nas sepulturas se mantém, mas vai esmorecendo paulatinamente nos contextos funerários a partir do século V, ligados ao novo ritual cristão, a exemplo do que foi observado em outras necrópoles do mesmo período, como em Mértola (Lopes, 2009, p. 36).

Comum no período imperial, a tradição da colocação de numismas em sepulturas, para pagamento do óbolo a Caronte, continua a verificar-se, como comprova a sepultura n.º 12 de Talaíde, em conjunto com brincos de bronze em forma de argola do século VII (Cardoso e Cardoso, 1995, p. 410). Situação análoga se observa nas sepulturas n.ºs 4, 5 e 22 de Miroiços (Cardoso, 2018b, p. 187). Também numa sepultura de Casais Velhos foi exumada uma moeda ilegível, apresentando duas rodelas de tecido de linho a envolvê-la (Castelo Branco e Ferreira, 1971, p. 79). Estranhamente, nas necrópoles de Alcoitão e Abuxarda, não foram encontrados numismas.

Adornos, elementos de vestuário, ferramentas e armas

Na Antiguidade Tardia, observa-se um aumento nítido dos adornos pessoais, com que os defuntos eram sepultados a partir do século V, em relação aos enterramentos do

Alto e Baixo-Império. Trata-se de peças metálicas, maioritariamente produzidos em liga de cobre, bronze e latão, à exceção de dois anéis de prata de Talaíde (Cardoso, Cardoso e Guerra, 1995, p. 334), e de um brinco de ouro, bem como, fragmento de outro em liga de prata, provenientes da necrópole das Meroeiras (Oliveira, 1888/92, p. 89); uma das sepulturas aqui registada ofereceu, igualmente, um fuzilhão de fivela em prata (*ibid*., Pl. III, n.º 11) e um bracelete de ferro (*ibid*., Pl. III, n.º 9).

Os restantes adornos são de matérias não metálicas, como as 24 contas de vidro e 5 de âmbar das sepulturas de Abuxarda (Cardoso, 2018b, tabela 1) e as 21 contas de âmbar e 5 de vidro da necrópole de Talaíde, pertencendo, possivelmente, a um ou dois colares, encontrados junto às vértebras do pescoço do esqueleto 2, da sepultura n.º 2.

De entre os ornamentos mais comuns destacam-se os brincos, dos quais foram recolhidos três em Alcoitão, oito nas Meroeiras, três em Casais Velhos, oito em Talaíde e dois em Miroiços.

Também em número elevado foram identificados anéis, dois em Alcoitão, onze nas Meroeiras e sete em Talaíde. Falamos de objetos identificados em sepulturas, que continham esqueletos de jovens ou adultos do sexo feminino ou masculino.

Entre os objetos de adorno, recolhidos em contextos funerários, há que referir ainda, a recolha de dois braceletes na necrópole de Talaíde, em bronze, apresentando perfil aberto, decorados com cabeças de víbora. A sepultura 4 ofereceu um exemplar com 50 mm de diâmetro e encontrava-se no pulso esquerdo do esqueleto de uma jovem. O segundo exemplar encontrava-se na sepultura 12, colocado no pulso esquerdo de um esqueleto, também do sexo feminino, medindo 63 mm diâmetro. Para além das representações de cabeças estilizadas de ofídios, as duas peças apresentavam ainda linhas paralelas, retas ou quebradas, a decorar o aro (Cardoso, Cardoso e Guerra, 1995, p. 324 e 326).

Similarmente, na intervenção da necrópole de Meroeiras, Paula e Oliveira recolheu um bracelete de ferro, de secção circular e outro de bronze, ambos decorados com cabeças de víbora estilizadas (Oliveira, 1879-1882, p. 89, pl. III, figs. 9, 12 e 13). Numa das sepulturas, escavadas nos anos quarenta do século passado, em Casais Velhos, Fausto de Figueiredo e Afonso do Paço, recuperaram um bracelete serpentiforme, elaborado em arame de bronze, secção circular, mas sem qualquer decoração, tendo o mesmo sido descrito, mais tarde, por D. António de Castelo Branco e Veiga Ferreira (1971, p. 75, fig. 11). De referir, que o bracelete da sepultura 12 de Talaíde encontra-se datado do século VII d.C., reforçando as ilações que contribuem para estabelecer a correspondência entre os objetos de adorno e a época em análise (Cardoso, Cardoso e Guerra, 1995, p. 324 e 326; Arezes, 2016, p. 248-249).

Quanto às fivelas, foi recolhida uma nas grutas do Poço Velho, sete na necrópole de Meroeiras (Oliveira, 1888/92), cinco em Talaíde (Cardoso e Cardoso, 1995, p. 412), e uma de ferro na sepultura n.º 9 de Miroiços (Cardoso, 2018b, p. 189-190), com paralelo no exemplar de ferro de Talaíde. Embora durante a escavação de uma lixeira em Casais Velhos, tenha sido encontrada parte de uma fivela e um fuzilhão, não foi recolhido qualquer exemplar no espaço da necrópole (Castelo Branco e Ferreira, 1971, p. 81). Tais peças podiam estar ligadas à indumentária feminina; no entanto, verificou-se ser mais comum, associadas a esqueletos masculinos.

Foram igualmente encontradas algumas ferramentas, tais como: uma agulha e uma espicha em Casais Velhos (Figueiredo e Paço, 1949, p. 4), em Talaíde, uma lâmina de foice em ferro (Cardoso e Cardoso, 1995, p. 412), e na sepultura 11 de Miroiços, um podão e uma faca (Cardoso, 2018b, p. 190).

Quanto à presença de armas, surgiram restos de uma espada nas Meroeiras (Oliveira, 1888/92, p. 89), duas lanças numa sepultura de Casais Velhos (Figueiredo e Paço, 1949, p. 4) e duas facas ou punhais na sepultura n.º 8 de Talaíde (Cardoso e Cardoso, 1995, p. 412).

Ligado à decoração de armamento, recolheu-se em Talaíde um aplique zoomórfico de liga de cobre, recortado em forma de elefante. Encontrava-se junto das lâminas em ferro de dois punhais ou facas, e que, seguramente, estaria a decorar a bainha de um deles, suspensa por um loro com fivela, preso ao cinturão que o defunto levava, quando foi depositado na sepultura 8 (Cardoso, Cardoso e Guerra, 1995, p. 324-325, fig. 9). Da mesma necrópole, mas fora de contexto, foi recolhido um segundo aplique com a forma de um leão, também ele decorado a punção. Um terceiro aplique, com a forma de um canídeo, foi recolhido em Casais Velhos durante a escavação de 1945, mas ignoramos qual o contexto de recolha (Castelo Branco e Ferreira, 1971, p. 74, fig. 9). Desconhecemos igualmente o enquadramento em que se encontrariam aplicados estes últimos, contudo, os dois exemplares apresentavam orifícios, vestígios de pequenos pregos de cobre que os prendiam aos suportes de matéria orgânica que decoravam.

Em síntese, observa-se um aumento dos adornos pessoais nos enterramentos desta época, em relação aos do período do Baixo-Império, o que corresponde a uma alteração nos costumes, tanto ao nível estético dos adornos, como de vestuário, com a generalização do uso de joias abertas, caso dos anéis, brincos e braceletes. As fíbulas, peças usadas habitualmente por romanos e visigodos para prender as capas, estão ausentes nas necrópoles da região. Mas, por outro lado, generalizou-se o uso dos cintos de cabedal, facto denunciado pela presença de fivelas de liga de cobre e de ferro, a fim de cingir a túnica ao corpo e segurar as calças.

Conclusões

Face ao exposto, pode concluir-se que o recurso a sepulturas de tipo covacho ou de tipo caixa com tampa vulgariza-se na região a partir do século III, apresentando disposições muito díspares de necrópole para necrópole. Será a partir dos inícios do século V que se verifica um aumento significativo das sepulturas alinhadas, segundo a orientação este-oeste, ou seja, a cabeça a poente e os pés a nascente, o que, salvo as exceções expostas, passa a ser a norma.

Também é a partir do século V que se generaliza o uso do mesmo jazigo para enterramentos sucessivos, o que aponta para um aumento da valorização dos laços familiares na vida e na morte.

No mesmo período muda o paradigma no que respeita à deposição de recipientes cerâmicos no interior das sepulturas: estes tornam-se raros, enquanto no caso dos adornos e objetos de vestuário se verifica um aumento significativo, provavelmente por ser costume os defuntos serem enterrados vestidos e não enrolados num simples sudário, como parece que sucedia nos séculos III e IV.

As necrópoles de grandes dimensões continuam afastadas das zonas habitacionais, como era hábito durante a época Romana, não existindo nenhuma regra para a sua implantação no espaço geográfico, a não ser o facto de os solos escolhidos para as mesmas serem, normalmente, de baixo valor agrícola.

No caso dos enterramentos neonatais e infantis, o processo não se alterou, podendo ocorrer sepulturas junto às habitações, ou nas grandes necrópoles, a exemplo do que sucedia anteriormente.

Referências

Antunes-Ferreira, N.; Cardoso, G.; Encarnação, J. (2019) - Enterramentos tardo-romanos de crianças em Freiria. In Encarnação, J., coord. - *Dos Patrimónios de Cascais (Homenagem a João Cabral): Actas das comemorações dos 20 anos da Associação Cultural de Cascais*. Cascais: Associação Cultural de Cascais / Graficamares, Ld.ª, pp. 43-50.

Arezes, A. (2017) - *O mundo funerário na Antiguidade Tardia em Portugal: as necrópoles dos séculos V a VIII* (Teses Universitárias; 9). Porto: CITCEM / Edições Afrontamento.

Cabral, J; Cardoso, G.; Encarnação, J.; Nieuwendam, L. (2002) – Sondagens em Caparide. *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II série. 11, p. 6.

Cardoso, G. (1991) – *Carta Arqueológica do Concelho de Cascais*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais.

Cardoso, G. (2002) – *Aspectos da Romanização do Ager Olisiponensis*. Trabajo de Tercero Ciclo. Cáceres: Universidad de Extremadura. Departamento de História, Área de Arqueologia [texto policopiado].

Cardoso, G. (2018b) – As necrópoles romanas/visigóticas de Miroiço e Alcoitão (Cascais). *Conimbriga*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. LVII, pp. 169- 216.

Cardoso, G.; Amaro, C.; Batalha, L. (2018) – O Sítio Arqueológico do Alto da Casa Branca (Tapada da Ajuda – Lisboa). *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II série. 22: 1, pp. 35-40.

Cardoso, G.; Cabral, J.; Encarnação, J.; Trindade, L. C. (2000) – Sondagens de emergência no Concelho de Cascais, sítios de Vilares e Zabrizes. *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II Série. 9, p. 9.

Cardoso, G.; Cardoso, J. L. (1995) – A Necrópole Tardo-Romana e Medieval de Talaíde (Cascais). Estudo Preliminar. In *IV Reunió d'Arqueologia Cristiana Hispánica*. Barcelona: Institut d' Estudis Catalans, pp. 407-414.

Cardoso, G.; Encarnação, J.; Trindade, L. C. (2001) – Cemitério Visigótico de Alcoitão, trabalhos de emergência. *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II Série. 10, p. 192.

Cardoso, G.; Encarnação, J.; Trindade, L. C.; Sepúlveda, E. (1999) – Sondagens arqueológicas de emergência em Miroiço. *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II série. 8, pp. 8 e 9.

Cardoso, J. L.; André, M. C. (1997/1998) – Acerca de uma tigela de *terra sigillata* clara da necrópole do Sol Avesso, Porto Salvo (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras. 7, pp. 219-226.

Cardoso, J. L.; André, M. C. (2020) – O povoamento romano do concelho de Oeiras: antecedentes, economia e sociedade (séculos I a.C. a V d.C.). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras. 27, pp. 349-376.

Cardoso, J. L.; Cardoso, G.; Guerra, M. F. (1995) – A necrópole tardo-romana e medieval de Talaíde (Cascais). Caracterização e integração cultural. Análises não destrutivas do espólio metálico. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras. 5, pp. 315-339.

Cardoso, J. L.; Carreira, J. R. (1996) – A Necrópole Tardo-Romana e Alto-Medieval de Oeiras. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras. 6, pp. 407-417.

Castelo Branco, A.; Ferreira, O. V. (1971) – Novos trabalhos na estação lusitano–romana da Areia (Guincho). *Museu-Biblioteca Conde de Castro Guimarães: Boletim*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais. 2, pp. 69-83.

Encarnação, J. d' (1981, 24 de dezembro) – Sondagens arqueológicas no Alto da Cidreira. A juventude marcou presença. *Jornal da Costa do Sol*, p. 8.

Figueiredo, F. J. A.; Paço, A. (1947) – Placa de cinturão, visigótica, das grutas de Cascais. In *Actas y Memorias de la Sociedad Española de Antropologia, Etnografia y Prehistoria* (*Homenaje a Julio Martínez Santa-Olalla)*. Madrid: [s.n.]. Vol. II, t. XXII, cuads. 1-4, pp. 14-20.

Figueiredo, J. A.; Paço, A. (1949) – Vestígios Romanos de Casais Velhos (Areia-Cascais-Portugal). In *Separata do I Congresso Nacional de Arqueologia e V Congresso Arqueológico do Sudeste Espanhol. Almeria, Abril de 1949*. Cascais: Junta de Turismo de Cascais.

Gonçalves, A. (2011) – *A Necrópole Romana do Casal do Rebolo (Almargem do Bispo, Sintra)*. Dissertação de Mestrado e Arqueologia. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa [texto policopiado].

Hierro Gárate, J. A. (2011) – La utilización sepulcral de las cuevas en Época Visigoda: los casos de Las Penas, La Garma y Portillo del Arenal (Cantabria). *Munibe Antropologia-Arkeologia*. San Sebastián: Universidad del País Vasco. 62, pp. 351- 402.

Lopes, V. (2009) – As necrópoles de Mértola do Mundo Romano até à Antiguidade Tardia. In López Quiroga, J.; Martínez Tejera, A. M., eds. - *Morir en el Mediterráneo Medieval. Actas del III Congreso Internacional de Arqueología, Arte e Historia de la Antigüedad Tardía Y Alta Edad Media peninsular celebrado en la Universidad Autónoma de Madrid (UAM) y en el Museu de los Origenes de Madrid (Casa de San Isidro) - 17 y 18 de Diciembre de 2007 (BAR International Series; S2001). Oxford: John and Herica Hedges Ltd. / British Archaeological Reports, pp. 31-58*.

Matos, J. L. (1969) – Cemitério romano de Sol Avesso, Oeiras. *O Arqueólogo Português*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. Série III. 3, pp. 191-194.

Nieuwendam, L.; Cabral, J; Cardoso, G.; Sepúlveda, E. (2003) – Escavações arqueológicas na *villa* romana de Caparide. *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II série. 12, p. 6.

Oliveira, F. P. (1888/92) – Antiquités Préhistoriques et Romaines des Environs de Cascaes. *Communicações da Commissão dos Trabalhos Geológicos de Portugal*. Lisboa: Comissão dos Trabalhos Geológicos. II: I, pp. 82-108.

Quaresma, J. C. (1999) - *Terra sigillata* africana, hispânica, foceense tardia e cerâmica africana de cozinha de *Mirobriga* (Santiago do Cacém). *Conimbriga*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. 38, pp. 137-200.

Silva, J. P. (1879) – Túmulo da Idade da Pedra. *Boletim da Real Associação de Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*. Lallemant Frères, Typ. Lisboa. 2.ª Série. 11: 2, p. 177.

Vigil-Escalera Guirado, A. (2020) – Cinturones, molinos y cosechas de mijo: elementos extrañados de sus contextos. In Doménech-Belda, C.; Gutiérrez Lloret, S., eds. - *El sitio de las cosas. La Alta Edad Media en contexto*. Sant Vicente del Raspeig: Publicacions Universitat d'Alacant, p. 51-65.